O Banquetaço

Comer como um ato político no país do "Agro é Tudo!"

Rogério DE MAGALHÃES CUNHA(1),
Leny TRAD(2), Marina ROUGEON(3)

(1) Instituto de Saúde Coletiva Universidade Federal da Bahia, (2) Instituto de Saúde Coletiva Universidade Federal da Bahia, (3) UCLy UMR CNRS 5600 EVS - Environnement, Ville, Société - Anthropologie-Ergonomie « Corps, Travail, Territoire »

Resumo : A globalização do modelo neoliberal e extrativista de desenvolvimento tem contribuído para aprofundar a concentração de riquezas, acirrar as desigualdades, a injustiça social e a vulnerabilização de populações e territórios, afetando ainda sua biodiversidade, em especial no Sul Global. Paradoxalmente, tal cenário tem impulsionado a expansão de movimentos contra-hegemônicos ao capitalismo contemporâneo. Neste capítulo compartilha-se uma experiência de imersão no II Banquetaço, um evento-ato-politico, mobilizado por uma rede heterogênea de atores humanos e não-humanos, ocorrido em Salvador, com o intuito de denunciar a arbitrária tentativa de extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA). Pode-se constatar que o poder agregador desse evento, além de criar um espaço-tempo que fertilizou o debate sobre segurança e soberania alimentar e nutricional, impactos dos agrotóxicos à saúde e ao meio ambiente, fome, racismo ambiental, dentre outros temas relevantes, potencializou também os encontros e alianças entre ativistas que tem atuado em frentes diversas na luta contra o modelo de desenvolvimento em curso no Brasil, liderado pelo agronegócio.

Palavras-chave : Agronegócio ; Brasil ; ativismo ; contra-hegemonia ; mediação

Introdução

O Brasil é hoje um país no qual cerca de 125 milhões de pessoas convivem com algum grau de insegurança alimentar e onde 33 milhões passam fome, em decorrência da situação de pobreza ou de miséria na qual se encontram[1]. Trata-se de um país, vale ressaltar, posicionado entre os maiores produtores de alimento do mundo. Diante deste cenário contraditório, considera-se absolutamente ilegítima a revindicação do setor do agronegócio de ser reconhecido como motivo de orgulho nacional, como força

[1] Dados do último inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da covid-19 no brasil, realizado pela rede penssan, em 2022 (Rede Penssan, 2022).

motriz da economia, provedor de alimentos para o mundo. Atributos reforçado no mote central do marketing desse setor : “Agro é Tudo”.

Tal reivindicação deveria ser constestada por inúmeros motivos. Podemos começar assinalando que uma parcela considerável da população brasileira ainda passa fome e também enfatizar que toda a sociedade brasileira se encontra cotidianamente exposta ao envenenamento sistemático por agrotóxicos. Cabe considerar, ademais, os seguintes indicadores, igualmente relevantes : registros relativamente frequentes de casos de trabalho escravo ou análogo à escravidão em produções agrícolas associadas a este setor ; recorrência de assassinatos de pessoas do campo, das florestas e das águas, vítimas de disputas fundiárias que persistem na história do país ; incremento alarmante do processo de destruição ambiental.

Como contra-ponto ou resistência à hegemonia do agronegócio no Brasil, encontramos redes de ativismo que tentam impor limites e alternativas a sua hegemonia. Na esfera da narrativa pública, enquanto um dos lados busca conformar no senso comum a imagem do “Agro é Tudo”[2], o outro, esforça-se para comunicar, o “Agro é Tóxico”[3] No cotidiano desse antagonismo emerge uma complexa trama de controvérsias que substancia a disputa de sentidos e, ao mesmo, transcende a dimensão narrativa. É deste ponto de partida que um estudo em curso, liderado pelo primeiro autor, busca compreender tal fenômeno a partir da perspectiva contra-hegemônica. Trata-se de uma tese de doutorado cujo objetivo consiste em entender experiências de ativismo na luta contra o uso de agrotóxicos e, sobretudo, pela garantia da alimentação saudável e acessível para todos. O estudo interroga o que mobiliza diferentes pessoas a se tornarem ativistas, como esse ativismo está implicado nas suas trajetórias de vida, como essas trajetórias se vinculam às redes de ativismo e como a trama de controvérsias media essa relação antagônica na sociedade brasileira.

No bojo das mobilizações acionadas no processo de resistência e luta, assim como das contraofensivas daqueles que se beneficiam com o modelo de desenvolvimento dominante no país (Porto & Soares, 2012), compartilha-se neste capítulo algumas impressões resultantes da experiência de imersão no II Banquetaço – BA, um evento-ato-politico ocorrido em 2019, em Salvador, com o intuito de denunciar o processo de extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), em pauta naquela ocasião.

Na seção seguinte, são assinalados elementos associados à conjuntura política brasileira que contibuíram para o processo de tentativa de extinção deste conselho[4] ressaltando algumas das controvérsias e interesses que permearam este processo. As reflexões incorporadas ao longo de ambos as seções dialogam com a Teoria do Ator-Rede, especialmente a partir das contribuições de Latour (2012), e a Teoria das Mediações, de Martín-Barbero (2015).

[2]Expressão extraída da matéria *Por que a Globo criou a campanha “Agro é tech, Agro é pop”*(Start Agro, 2017).

[3]Ver em : https://contraosagrotoxicos.org/.

[4]Sobre o CONSEA : http://www4.planalto.gov.br/consea,

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

1 O II Banquetaço : Comer é um ato político !

No dia 16 de outubro de 2019, no Largo do Pelourinho, coração do Centro Histórico da cidade de Salvador (Bahia, Brasil), aconteceu o II Banquetaço – BA (imagens 1 e 2). Um ato político produzido com o objetivo de denunciar e protestar contra a extinção do CONSEA, autocraticamente decretada em 1° de janeiro de 2019, no primeiro dia de governo do então presidente Jair Messias Bolsonaro. Propositadamente realizado no Dia Mundial da Alimentação, ele aconteceu concomitantemente a outros banquetaços promovidos em diversas cidades do país, por organizações estaduais e locais do CONSEA, por meio de redes de ativismo associadas à sua pauta de luta.

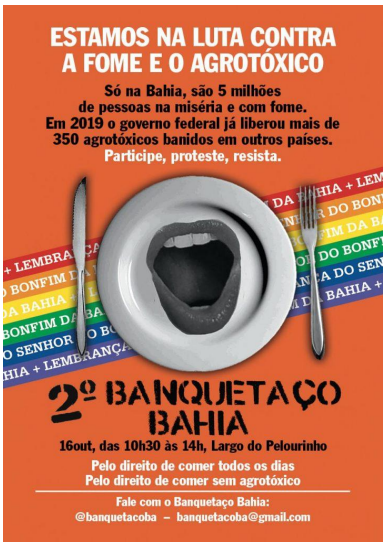


Fig. 1 : *Material de divulgação do evento.* https ://www.cese.org.br/dia-mundial-da-alimentacao-2o-banquetaco-bahia-acontece-dia-16-de-outubro-no-pelourinho-em-salvador/



Fig. 2 : *Fotografia do espaço do evento.* Acervo próprio. Rogério Cunha

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

O evento foi organizado por nutricionistas, professores(as) e estudantes - majoritariamente de cursos de nutrição e gastronomia de algumas universidades e institutos federais de Salvador -, por representantes de movimentos populares e estudantis, de agricultores e agricultoras, membros do Conselho Regional de Nutrição, pelo Comitê Local da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, dentre outros. O ato contou com o apoio de alguns políticos locais, instituições públicas, entidades, sindicatos, empresas, restaurantes, mídia impressa local etc[5]

O evento foi mediado também por objetos, artefatos ou dispositivos, sem os quais não seria possível a sua realização, tais como : sofás, mesas, cavaletes, bandeiras, camisetas, uma gama imensa de aparatos tecnológicos, tais como, microfones, caixas de som, *smartfones* e câmeras fotográficas e de filmagem (imagem 3) e de redes sociais digitais. Sem deixar de mencionar, é claro, uma diversidade rica de alimentos que, juntos, conformaram a rede de actantes humanos e não-humanos (Mol, 2010 ; Latour, 2015) especialmente mobilizada para a realização deste ato político.

A comida que, *a priori,* fora produzida com o objetivo de conferir visibilidade e agregar cerca de quinhentas pessoas naquele espaço público, revelou-se também um actante responsável por conferir cheiro, sabor e trocas de afeto entre as pessoas que participaram presencialmente do evento (imagem 4). Um actante de grande relevância para as mediações promovidas antes, durante e após o ato propriamente dito. Não somente pelo seu poder agregador, de despertar em um público diverso o desejo e/ou interesse em comparecer e permanecer naquele espaço de mobilização política. Mas, principalmente, porque ter sido fruto de um trabalho coletivo, desenvolvido por muitas mãos, de modo colaborativo e em rede, mobilizando sentidos e potências que avançaram para além dos objetivos e do momento preciso do evento.



Fig. 3 : *Sofá, caixa de som, microfone e a estrutura criada para a troca de ideias.* Acervo próprio. Rogério Cunha

[5]Ver em : *2º Banquetaço Bahia é realizado no Pelourinho*. Conselho Regional de Nutricionistas – 5ª Região. https://crn5.org.br/2a-banquetaco-bahia-e-realizado-no-pelourinho/.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550



Fig. 4 : *Oferta de alimentos ao público presente.* Acervo próprio. Rogério Cunha

Para a sua produção, um grande grupo de voluntárias/os foi mobilizado. Tal rede colaborativa "começou" com agricultores e agricultoras que doaram a maior parte da matéria-prima, proveniente de sistemas de produção familiar e agroecológicos. Uma vez transformada em comida, em alimento, "passou" de mão em mão até ser ofertado por pessoas que, com sorriso no rosto e gestos acolhedores, repletos de sutilezas, potencializaram os sentidos inerentes à realização daquele evento.

Rede composta também por chefes de cozinha, de diferentes idades e gêneros, que também voluntariamente, abriram suas cozinhas ou ocuparam restaurantes do centro histórico para produção de uma comida farta, diversa e impressionantemente saborosa. Todo o processo, tal como nos relatou uma das organizadoras, seguiu critérios de boas-práticas de produção, armazenamento e manuseio dos alimentos, até mesmo porque, houve por parte de órgãos gestores daquele espaço público, um esforço exaustivo para inviabilizar a sua realização (comunicação pessoal, outubro 16, 2019).

Percebemos que o processo de produção do alimento foi capaz de criar ou fortalecer vínculos entre pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram daquela rede, seja apoiando na organização ou em várias outras ações ou gestos mobilizadas nesse ato político - nutrir-se com alimentos saudáveis, demonstrar empatia, expressar críticas, fazer protestos ou aderir às palavras de ordem apresentadas ao longo do evento. Pode-se dizer, inclusive, que o poder agregador do Banquetaço potencializou as possibilidades de se criar um espaço-tempo social interessante para se discutir um amplo

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

leque de temas, contemplando a discussão sobre segurança e soberania alimentar e nutricional (SSAN), impactos dos agrotóxicos à saúde e ao meio ambiente, fome, racismo ambiental – só para mencionar alguns mais relevantes. Uma discussão que esteve recheada de análises sobre a conjuntura política do país, assim como, de reflexões e sugestões acerca de pautas prioritárias, diante do grave contexto de austeridade e de violações de direito vivenciado por sua população durantes as gestões de Temer e, especialmente, de Bolsonaro.

Participaram do evento transeuntes, moradores das comunidades locais, estudantes, trabalhadores e trabalhadoras e turistas que visitavam o centro histórico da cidade de Salvador naquele dia. Se uma parte dos participantes estavam ali por afinidade política e envolvimento mais direto com a temática central do evento, outros podem ter se acercado por mera curiosidade ou interesses diversos que caberia investigas. Sobre este aspecto, é importante levar em conta também como se deu a divulgação do evento. Além das ações voluntárias anteriormente mencionadas, houve o trabalho de divulgação em mídias e redes sociais digitais, matérias jornalísticas, entre outras atividades realizadas na fase preparatória do evento.

Durante o ato, alguns integrantes, munidos de panfletos e informações sobre a temática da SSAN, abordavam pessoas que por ali transitavam, explicando o motivo do evento e convidavam-nas a comer e participar das discussões. Enquanto algumas demonstravam interesse e, por vezes, permaneciam no local, outras não demonstravam interesse no tema ou no evento.

As que decidiram participar, puderam ouvir uma diversidade de informações, críticas, denúncias, propostas de ações e palavras de ordem proferidas naquele espaço. “Comer é um ato político!”, selou, em tom de catarse, a reflexão a respeito dos sentidos que estavam sendo mobilizados pelo ato. Palavra de ordem, talvez não à toa, proferida no momento em que se anunciou o início da oferta do alimento e as apresentações artísticas que estariam por vir. Música, arte circense, dança e comida – bastante elogiada, vale enfatizar – que emprestaram afeto, acolhimento e outros sentidos àquele ato eminentemente político.

Em meios aos discursos proferidos, nos chamou especial atenção a ressalva de que o objetivo daquele ato não se restringia à luta contra a extinção do CONSEA, contra os agrotóxicos ou contra outra bandeira qualquer. O objetivo central era promover a integração ou a união dessas diferentes lutas. Ficou bastante claro que, para além dessas temáticas que giram em torno da segurança e soberania alimentar e nutricional na sociedade brasileira, trata-se, em última instância, da reivindicação e proposição de um outro modelo de desenvolvimento para o Brasil, socialmente justo e ecologicamente responsável. De fato, é preciso afirmar que, em que pese a especificidade das pautas dessas diferentes frentes de lutas, elas se amalgamam, se misturam e se hibridizam, circunstancial e contextualmente. Um processo que ocorre graças a uma complexa mobilização de redes de ativismo, de associações organicamente estabelecidas entre elas, visando conformação uma luta comum e mesmo unificada, capaz de contemplar um conjunto transverso de pautas.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Outro aspecto observado, que fazemos questão de frizar, refere-se à clara sintonia ou, melhor dito, vinculação das ações presentes naquele ato com a cultura e anseios da comunidade local. Isto pode ser sentido, por exemplo, no momento no qual representantes de povos de terreiro trouxeram à tona as violações de direitos relacionadas à intolerância religiosa e ao racismo, ressaltando como tais processos vem afetando a segurança e a soberania alimentar de famílias negras e povos de terreiro no território baiano. Foi mencionada, especificamente, a tentativa de mudar o nome do famoso acarajé - iguaria de origem africana, mundialmente famosa e cotidianamente consumida em territórios da Região metropolitana e do Recôncavo do Estado, para "bolinho de jesus".[6]. Tal como ressaltaram as representantes das comunidades de terreiros de candomblé, o acarajé é apenas um exemplo da vasta herança cultural advinda da África, que soergue o Brasil desde o período colonial, além de ser um elemento importante a ser considerado nos programas de soberania alimentar, nutricional e cultural no país (imagem 5). Tal percepção implica, inclusive, expandir os sentidos do que pode e deve ser concebido como SSAN no Brasil.



Fig. 5 : *Representante de povos e comunidades de matriz africana discutindo sobre segurança e soberania alimentar. Fonte :Acervo próprio.* Rogério Cunha

Outro episódio que também merece uma menção especial ocorreu no momento que a rede de voluntários e voluntárias se mobilizavam para organizar os últimos detalhes, antes do início do ato. Em um dado momento testemunhamos um encontro fortuito entre duas pessoas, as quais, até então, não se conheciam. A primeira, de codinome "Joel", integrante do comitê local da Campanha Permanente, estava colaborando com a organização do espaço, enquanto que "Franco" (outro codinome), chegou até ali interessado em participar do evento, após ter tido conhecimento da sua realização em suas redes sociais digitais.

[6]Um movimento que vem sendo perpetrada por grupos neopentecostais locais (caberia investigar se o mesmo ocorre no âmbito nacional), de se apropriarem simbólica e economicamente dessa comida típica denominada acarajé. A efetivação de tal demanda resultaria, entre outros efeitos, na perda da soberania dessas pessoas e comunidades de produzirem e se sustentarem a partir desta comida típica, de grande relevância à sobrevivência de toda uma matriz cultural, massivamente presente na sociedade brasileira.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Antes de descrever o diálogo entre eles, extraído do diário de campo, cabe fazer uma breve apresentação de ambos. Joel nasceu e cresceu na Vila de Arembepe (Camaçari, Bahia), que fica a cerca de 20km de Salvador, tem 30 anos, é agricultor, ex-industriário e estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais (da Universidade Federal da Bahia/UFBA). É membro da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e um dos organizadores da Feira Agroecológica de Arembepe. Franco *é um* francês erradicado no Brasil, há cerca de trinta anos, tem 70 anos e é casado com uma brasileira.

Durante a conversa com Franco, Joel relatou que experimentou uma espécie de fissura entre o que ele viveu, enquanto trabalhava na indústria, há alguns anos atrás, e aquilo que viria a conferir sentido concreto à sua vida, como ele mesmo argumentou, "para viver agroecologicamente". Ele ressaltou que o nascimento de seu filho foi a sua maior fonte de inspiração para essa mudança radical : "que mundo quero deixar para ele ?".

Franco, por sua vez, revelou que, desde a adolescência, sonhava em ser engenheiro ambiental/florestal, um sonho que não conseguiu realizar : "há dois anos que decidi me mudar para um sítio em Arembepe (cidade baiana, vizinha à capital Salvador) e passei a plantar, a desenvolver uma agricultura orgânica, a investir em melhor qualidade de vida".

Após apresentarem-se e de impressionarem-se com a coincidência de morarem tão próximos, iniciaram uma brevíssima conversa comentando sobre as histórias de suas vidas (frustrações com o trabalho e o modo de vida antigo), no sentido de justificar um ao outro sobre o que os levou até o momento daquele encontro. Em seguida, Franco pediu a Joel que comentasse sobre a proposta daquele evento. Momento no qual Franco pediu permissão para filmá-lo com seu *smartphone*, a fim de registrar e compartilhar o vídeo nas suas redes sociais digitais. Franco sacou o celular do bolso e começou a filmar o espaço do evento e a se filmar, enquanto explicava : "eu estou aqui no Pelourinho… O Banquetaço está para acontecer…

Para além das circunstâncias eventuais, a aproximação com a experiências desses dois sujeitos ofereceu pistas sobre com os laços que compoõem uma rede vão sendo engendrados, muitas vezes a partir de um encontro quase fortuito, mas que pode propiciar o estabelecimento de vínculos potentes. O reconhecimento de fatos comuns em suas trajetórias de vida foi o ponto de partida mobilizador das experiências que supostamente passaram a compartilhar, desde então. Aquele encontro prontamente nos saltou aos olhos como um processo "particular" de mediação.

Se o objetivo inicial de observação do evento consistia em analisar o evento político enquanto processo de mediação, esta experiência proporcionou uma resignificação do sentido atribuído a esta categoria (mediação). Isto se deu ao constatar que um enconto singelo e fortuito, como o que descrevemos aqui, tem potencial de mobilizar outros processos de mediação e dinamizar a rede de ativismo como um todo.

Além do vínculo entre essas pessoas – e entre as suas redes sociais pessoais –, esse encontro gerou o referido vídeo, cuja circulação tem possibilitado transceder aquela experiência para além do espaço-tempo da realização do ato (imagem 6). Um vídeo

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

(actante) que passou a circular no espaço cibernético e, portanto, a produzir sentidos sociais, atuando como uma ferramenta de difusão e sensibilização em torno da agenda da luta ambiental e da soberania e segurança alimentar e nutricional, fomentando o engajamento de novos sujeitos.

Se por um lado, foi possível evidenciar a multiplicidade e diversidade de actantes e processos de mediações sociais que conformam o ativismo vinculado às pautas do CONSEA, por outro, ficou patente a organicidade e a complexidade inerentes ao ativismo em rede : um conceito "que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos" (Scherer-Warren, 2006, p. 113).



Fig. 6 : *Momento da produção do vídeo.* Acervo próprio. Rogério Cunha

O conjunto de processos de mediação ocorridos antes, durante e após o II Banqueta-ço – BA, interpelou uma rede de pessoas – de várias idades, gêneros, etnias, classes sociais e representantes de redes de ativismo, de entidades e movimentos sociais populares (imagens 7, 8 e 9). Mobilizou também uma diversidade de temas abordados a partir do eixo segurança e soberania alimentar e nutricional, transcendendo-o à múltiplas dimensões : cultural, econômica, sanitária, ambiental e, principalmente, política, referente ao contexto brasileiro e suas conexões com o mundo. Frente ao cenário de profundos retrocessos sociais pelo qual o país experienciou à época, não é difícil compreender o porquê que a dimensão política tenha ocupado papel relevante na mobilização das críticas, emoções e ações experienciadas antes, durante e após àquele evento. Tudo isso substanciou e, de algum modo, continua a substanciar, a trama de controvérsias inerente à disputa contra o setor do agronegócio.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

Imagens 7, 8 e 9 :
Representação da diversidade de pessoas presentes. Acervo próprio. Rogério Cunha

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Com a experiência da imersão, percebemos ainda que os cheiros, sabores e cores, emanadoss dos alimentos, também influenciaram nos processos ocorridos daquele dia. Do mesmo modo que o gesto de acolhimento, o sorriso e a simpatia presentes nas pessoas que serviam as comidas – devidamente paramentadas com jalecos, toucas e luvas – contribuíram com o alcance das expectativas pretendidas com a sua realização. Em meio a uma temperada e apimentada discussão política sobre SSAN, houve espaço para manifestações culturais e artísticas (críticas e acríticas) e, vale ressaltar, também para abraços, muitos abraços (imagem 10). Tudo isto contribuiu para mobilizar e promover sentidos, independente das dificuldades enfrentadas para viabilizar o evento e do sol escaldante daquele dia.

Ainda que o evento não tenha recebido a devida atenção da mídia hegemônica local, como os demais banquetaços realizados em outros municípios brasileiros, ele foi considerado por pessoas da organização, um ato político bem sucedido : "-Estamos exaustas[7], mas valeu a pena", ressaltou uma de suas organizadoras (diário de campo, 16/10/2019).



Fig. 10 : *Acolhimento afetuoso produzindo e fortalecendo sentidos e vínculos. Fonte : Acervo próprio.* Rogério Cunha

2 O CONSEA : uma questão-central na trama das controvérsias

Vale recordar que desde os primórdios da Revolução Verde, o agronegócio justifica a adoção de pacotes tecnológicos (agrotóxicos, adubação química, sementes transgênicas etc.) e os massivos investimentos nos sistemas de produção monoculturais agroindustriais, enquanto medidas necessárias para se acabar com a fome no mundo (Gaud, 1968). Contudo, passadas quase seis décadas, a fome persiste, cresce junto com a população, enquanto o setor também cresce, com lucros astronômicos.

Diante desse cenário contraditório, questionamos : o que estava por trás deste empenho de representantes e ferrenhos defensores do agronegócio brasileiro em extinguir o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - CONSEA ? Cabe registrar que, juntamente com este conselho, naquela ocasião se extingiu também boa parte do

[7] Coincidentemente ou não, as mulheres eram maioria entre as pessoas que organizaram o evento.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

arcabouço legal e institucional responsável pela política naconal de combate à fome no Brasil, a qual lhe rendeu grande reconhecimento mundial[8]

O CONSEA atua como espaço institucional de controle e participação social no âmbito do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. É composto por dois terços de representantes da sociedade civil e um terço de representantes governamentais. Entre suas atribuições está a participação na formulação, no monitoramento e na avaliação de políticas públicas voltadas para a garantia do DHAA.

Entre as principais conquistas do CONSEA no Brasil, destacam-se : as proposiçõe inovadoras do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Cisternas que promove o acesso à água no semiárido brasileiro ; a ampliação e aperfeiçoamento do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com a determinação de que 30% da alimentação seja comprada dos agricultores familiares ; a aprovação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica ; a proposição da Política Nacional de Redução de Agrotóxicos (PL 6.670/2016) ; a rejeição do chamado Pacote do Veneno (PL 6299/02)[9] a consolidação do DHAA como direito social no Artigo 6º da Constituição Federal (Emenda Constitucional 064/2010), o PNSAN (Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional) e o PLANSAN (Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional) ; os Programas de Convivência com o Semiárido ; o Plano Safra da Agricultura Familiar ; o Guia Alimentar da População Brasileira ; e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Além da própria estrutura participativa de construção de políticas públicas empregada no Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), que foi considerada modelo a ser aplicado em vários países[10]

As conquista descritas permitem dimensionar a importância do CONSEA nas esferas das políticas publicas e atuação social no campo da alimentação e nutrição no Brasil. Segundo Jenifer Santana, ex-conselheira do CONSEA :

Sem dúvida, a desestruturação do CONSEA consistiu em algo bastante preocupante. A maioria das políticas aprovadas no Brasil e reputadas internacionalmente como responsáveis por tirar o país do Mapa da Fome da FAO, em 2014, surgiram também por demanda, articulação e atuação incansável do Conselho Nacional e dos CONSEAs estaduais de Segurança Alimentar e Nutricional[11].

Desde 2016, após o impedimento da ex-presidenta Dilma Roussef, durante os governos dos ex-presidentes Michel Temer e Jair Bolsonaro, o Brasil atravessou um contexto político marcadamente vinculado a um projeto de retrocessos aos direitos humanos e de graves crimes ambientais, no qual, o retorno do país ao mapa da fome não aparece como mero acaso (Rede Pensan, 2021, 2022). A Bancada Ruralista foi decisiva para a configuração deste contexto político (Pompeia, 2021).

[8] Ver em : *Bolsonaro contra a segurança alimentar – por que extinguir o CONSEA ?* https://djalmanery.eco.br/ecologia/bolsonaro-contra-a-seguranca-alimentar-por-que-extinguir-o-consea/.

[9] Ver em : https://contrafbrasil.org.br/noticias/banquetacos-pela-manutencao-do-consea-e-em-defesa-da-comida-de-verdade-acontecem-ce49/ ;

[10] Ver em : http://plone.ufpb.br/redagri/contents/noticias/a-extincao-do-consea-e-retrocesso-que-impacta-a-mesa-dos-brasileiros-por-jenifer-santana.

[11] *Ibid.*

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

A correspondência entre os dados presentes nos mapas do avanço das fronteiras agropecuárias nas últimas décadas (Santos & Glass, 2018), da desigualdade da distribuição de terras no país (Pinto *et al.*, 2020) e do mapa da concentração de eleitores bolsonaristas durante a eleição presidencial de 2018 (Oliveira, 2018), nos revela algumas conexões importantes relacionadas à dimensão política que permeiam as tramas dessa grande disputa. Além de ter retornado ao Mapa da Fome, em 2017 – com 19,1 milhões de pessoas passando fome e 116,8 milhões em situação de insegurança alimentar, no país[12] –, constata-se que o modelo de desenvolvimento *via* agronegócio está essencialmente voltado à produção de *commodities.* Ou seja, uma produção que não necessariamente está destinada à alimentação humana, tampouco apresenta objetivos concretos de combate à fome. Além de ser altamente dependente de investimentos financeiros, assim como contar com isenções e desonerações fiscais, tem se mostrado incapaz de produzir de forma sustentável e verdadeiramente segura (Carneiro *et al.* 2015).

Por trás das suas argumentações econômicas e desenvolvimentistas, está a toxicidade cruel decorrente dos gravíssimos danos sanitários e ambientais produzidas por este setor (Carneiro *et al.*, 2015). Um discurso que visa varrer dissimuladamente a sujeira para debaixo do tapete ornamentador do desenvolvimentismo neoextrativista (Montezuma & Rigotto, 2019). Por essa razão é que comer (agroecologicamente) se torna – ou deveria se tornar – um ato político de grande relevância no país.

Concorda-se com Barbero (2015) que é preciso analisar o fenômeno das mediações sociais levando em conta o quanto a hegemonia do mercado na sociedade incide sobre este processo. Suas contribuições teóricas *nos incitam a* pensar nos processos e nas multidimensões sociais que mediam os rumos do desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Neste sentido, pensar o cenário de disputas com o agronegócio, sem deixar de pensar nas influências do *agribusiness* global e de pensar o agronegócio brasileiro enquanto mercado global de tecnologias (Agro é Tech !) e motor de transformação cultural (Agro é Pop !), se torna fundamental ao campo contra-hegemônico.

As ações de luta e resistência dessa grande rede de ativismo persiste, cresce e conecta-se, mundialmente, inclusive e, quando analisada à fundo, pode-se perceber que sua matriz advém de disputas fundiárias históricas que perpassam e se imbircam com a luta decolonial, antiescravagista, antirracista e pela garantia de direitos humanos. No plano mais especifico, a agenda se concentra no combate aos desmatamentos, às queimadas, à perda da biodiversidade à poluição e degradação ambiental em termos mais abrangentes e, nos últimos anos, aos impactos das mudanças climáticas. No plano propositivo, adquirem destaque modelos alternativos pautados na Agroecologia e nos princípios do Bem-Viver. São pautas que se fundem, redes se associam, surgem novas mediações alimentando a trama de controvérsias, mobilizando essa longínqua luta.

Recentemente, em 27 de fevereiro de 2023, poucos dias antes da finalização da primeira versão deste capítulo, novos banquetaços aconteceram no Brasil, desta vez, celebrarando o retorno do CONSEA – e de um novo contexto político –, distribuindo

[12]De acordo com o *Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil,* produzido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Pensan, 2021).

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

alimentos em mais de 40 cidades brasileiras, demarcando novas perspectiva para a luta[13] Sim, ela continua.

Referências

Barbero, J-M. (2015). *Dos meios às mediações : comunicação, cultura e hegemonia* (7ª ed.). Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1ª reimpressão.

Carneiro, F. F., Augusto, L. G. da S., Rigotto, R. M., Friedrich, K. & Búrigo. A. C. (orgs.) (2015). *Dossiê ABRASCO : um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.* Rio de Janeiro, ENSP, São Paulo, Expressão Popular. .

Latour, B. (2012). *Reagregando o social : uma introdução à teoria do Ator-Rede.* Edufba / Edusc.

Mol. A. (2010). Actor-Network Theory : sensitive terms and enduring tensions. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie.* Sonderheft, 50.

Montezuna, T. F. P. F. & Rigotto, R. M. (2019). Os Distintos Comuns : Tecituras Teóricas e a Emergência de Racionalidades Ambientais. *RDP, Edição Especial,* 67-94.

Pinto, L.F.G *et al.* (2020). Quem são os poucos donos das terras agrícolas no brasil – o mapa da desigualdade. *Sustentabilidade em debate, 10.*

Pompeia, C. (2021). *Formação do política do agronegócio.* São Paulo, Ed. Elefante.

Porto, M. F. & Soares, W. L. (2012). Modelo de desenvolvimento, agrotóxicos e saúde : um panorama da realidade agrícola brasileira e propostas para uma agenda de pesquisa inovadora. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 37*(125), 17-50.

Rede Pensan (2021). VIGISAN – Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.

Santos, M. & Glass, V. (orgs.) (2018). *Atlas do agronegócio : fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos.* Rio de Janeiro, Fundação Heinrich Böll.

Scherer-Warren, I. (2006). Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Soc. estado.* [online], *21*,1.

Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Brasil (2019, Fevereiro 26). *Banquetaços pela manutenção do Consea e em defesa da comida de verdade acontecem em todo o Brasil.*

Conselho Regional de Nutricionistas. (2019, Outubro 16). *2º Banquetaço Bahia é realizado no Pelourinho.* Conselho Regional de Nutricionistas – 5ª Região.

Gaud, W. S. (Março, 8, 1968). *The Green Revolution : Accomplishments and apprehensions.* AgBioWorld Fundation.

Nery, D. (Janeiro 2, 2019). *Bolsonaro contra a segurança alimentar – por que extinguir o CONSEA ?*

Oliveira, C. (2018, Outubro 10). *Eleitores de Bolsonaro estão em áreas de influência do agronegócio.* Rede Brasil Atual.

Santana, J. Q. (2019, Maio 8). *A extinção do CONSEA é retrocesso que impacta a mesa dos brasileiros, por Jenifer Santana.* REDAGRI – Redes de Estudos Agroalimentares Internacionais. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba.

Start Agro. (2017, Abril 5). *Por que a Globo criou a campanha "Agro é tech, agro é pop".*

[13] Ver em : https://www.abrasco.org.br/site/noticias/movimentos-sociais/banquetaco-mobilizou-mais-de-40-cidades-pela-alimentacao-saudavel-e-pelo-retorno-do-consea/39816/\\.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550